

PRÁTICA: A RESPONSABILIDADE DE EVOCAR SENTIDO

ANA BIGLIONE

REVISTA JATAÍ, VOL 5
FACULDADE RUDOLF STEINER
2023

noetã



ÍNDICE

¡Alah!.....	03
Esculpir na luz	04
Eu-Prâksis.....	05
Criação de sentido: uma responsabilidade.....	06
Aspectos constituidores de uma prática.....	08
Para além do tecnicismo.....	08
Prática vida, prática verbo.....	10
Evocação responsiva.....	11
Prática-postura: consciência como ativismo.....	12
Referências.....	15



AGRADECIMENTOS

À Michelle Prazeres, Joana Mortari, Ana Paula Chaves Giorgi e Bruno Andreoni pela leitura inicial e valiosas contribuições. À Melanie Guerra e Mariana Bugano pelo encorajamento para que fosse enviado à Revista Jataí (Faculdade Rudolf Steiner). Aos meus filhos e à minha irmã, pela inspiração. À Allan Kaplan, Sue Davidoff e aos colegas desta prática, sem os quais nada disso faria sentido.

RESUMO



O artigo trata da compreensão sobre o significado de prática, entendida não apenas como atuação profissional, mas enquanto expressão daquilo que um indivíduo, simultaneamente, faz e constrói no mundo. Aborda importância da compreensão e da existência de uma prática, tanto em termos individuais - em relação à valorização da singularidade de cada pessoa, como a respeito da interdependência com seu contexto, ou seja, sua reverberação para a sociedade como um todo. Além de apresentar a ideia de prática, discute-se a relação entre o desenvolvimento de uma prática, que pressupõe reflexão e tomada de consciência, na relação com a responsabilidade do ser humano e com uma compreensão mais ampla e profunda do contexto com o qual está vinculado. A partir da observação espontânea de um exemplo familiar da autora, e da articulação com referências bibliográficas relevantes para a compreensão do tema, se destringem os aspectos subjacentes dos quais se constitui uma prática. Amparadas no pensamento de Paulo Freire, Allan Kaplan, Micheal Meade e Rudolf Steiner, se tecem as contribuições deste estudo, que apontam para a compreensão de que a escolha por desenvolver uma prática reflexiva constrói humanidade, que somente será humanidade se servir a algo maior que a si própria, ou seja, à constituição integrada do todo, que reconhece a importância e relação intrínseca com tudo que há.

/// ABSTRACT

The article deals with comprehending the meaning of practice, understood not only as a professional performance, but as an expression of what an individual simultaneously does and builds in the world. It addresses the importance of understanding the existence of a practice, both in individual terms - in relation to valuing each person's uniqueness, and in terms of interdependence with their context, that is, their reverberation for society as a whole. In addition to presenting an idea of practice, it discusses the relationship between the development of a practice, which considers reflection and awareness, in relation to the responsibility of human beings and a broader and deeper understanding of the context with which they are linked. From the observation of a family relationship example of the author, and the articulation with relevant bibliographical references for the understanding of the theme, the underlying aspects of what constitutes a practice are unraveled. Supported by the thinking of Paulo Freire, Allan Kaplan, Micheal Meade and Rudolf Steiner, it articulates the contributions of this study, which point to the understanding that the choice to develop a reflective practice builds humanity, that will only be humanity if it serves to something greater than to itself, that is, to the integrated constitution of the whole, which recognizes the importance and intrinsic relationship with everything that exists.

PALAVRAS-CHAVE

prática reflexiva; consciência; responsabilidade; humanidade; ativismo.
reflective practice; consciousness; responsibility; humanity; activism.



"Que a beleza do que você ama seja o que você faz."

Rumi

"Um ser livre é aquele que pode querer
o que considera ser certo."

Rudolf Steiner

¡ALAH!

Fixada naquele movimento, que jamais poderia ter sido previsto, grito "¡Olééé!", que faz coro com outras vozes e palmas das demais pessoas da plateia, inebriadas de beleza como eu. No Flamenco, quando uma bailaora faz um passo de maestria inigualável, os espectadores o celebram em alto e bom som... É um pequeno rito que honra e reconhece aquela realização artística, única e incontável, e que, ao ser aclamada, a transforma em uma conquista de todos que a testemunham.

Um certo dia, a bailarina desta cena, minha irmã, me contou que "olé" vem de "Alah", Deus. Imediatamente a imagem de que o divino se expressa no mundo através de nós, de que somos capazes de tocar em algo sublime a partir de nosso praticar, nunca mais me deixou.

ESCULPIR NA LUZ

A maioria de nós, viventes da sociedade contemporânea, nos acostumamos a olhar para o que fazemos de maneira simplista, como uma obrigação ou um sem-fim de tarefas que devem ser cumpridas.

É comum que se compreenda o fazer profissional, trabalho ou ofício, apenas como meio para ganhar dinheiro ou como um jeito de “levar a vida”, sem realmente prestar atenção ou refletir muito profundamente sobre o modo, as consequências, relevância ou sentido do que se faz.

Esta maneira predominante de olhar é forjada pelo modelo socioeconômico ao qual pertencemos e, na maioria das vezes, nos é inconsciente. Tal como Rosa (2019), sociólogo alemão, quando falamos em modernidade, sociedade moderna ou contemporaneidade, estamos nos referindo à combinação de crescimento econômico, inovação tecnológica e aceleração do tempo, que formou a visão de progresso e desenvolvimento que nos trouxe até aqui.

Imersos nela, adormecemos para diversos aspectos da nossa humanidade, do que significa ser humano. Deixamos de reconhecer o lugar único – e sagrado – que cada um de nós ocupa no mundo, e acabamos por reduzir nossa compreensão sobre de que realmente se trata nossa ação (e não-ação) no mundo.

"Não tem como não ter uma poética, não importa o que você faça: encanador, padeiro, professor, você faz isso na consciência de fazer ou de não fazer seu mundo, você tem uma poética: você chega para atuar no mundo como um paletó de molde industrial ou você esculpe na luz.
(PRIMA, 2007, p. 103, tradução nossa).

Do mesmo modo que carrego comigo a imagem de “Alah”, carrego a memória da minha irmã apreciando, vivendo o flamenco como parte de sua existência. Olho pra minha irmã, sua personalidade e presença, e não consigo a imaginar sendo outra coisa – ao menos não agora – que a bailarina e mestre flamenca que é. Fica evidente que dançar flamenco para minha irmã não é algo que ela faz apenas para se sustentar, ainda que o faça também pra isso. Não é apenas sua profissão, ainda que também o seja. Cada momento, seja ele de ensaio, aula, preparo ou espetáculo, é uma arte. Com mais de 30 anos de profissão, nunca a vi atuar sem frio na barriga ou algum frisson. Dançar flamenco é sua maneira de se entregar à vida. É o palco onde ela pode expressar quem é. E esculpir.

EU-PRÂKSIS

Do grego antigo prâksis, a palavra "prática", que aqui no Brasil, quase cheira a mofo, significa ação, conduta, e está embrenhada na compreensão de que o nosso fazer é nosso ofício - do latim *officium*, senso de dever.

Allan Kaplan, filósofo, escritor e ativista sul-africano, nos provoca ao afirmar que uma prática é "composta integralmente de quem somos, ainda que a diferenciemos de nós mesmos, já que é algo que fazemos" (informação verbal). Diz respeito à nossa maneira de nos relacionarmos com o mundo e está extremamente imbricada com nosso ser nesse mundo. Bailarina de flamenco, médica ou escritora. Ativista social, padeira ou mãe.

Abarcando as mais diversas esferas, ainda que possa tomar uma conotação profissional, é mais ampla do que isso. Podemos olhar para a prática como **a expressão daquilo que um indivíduo traz para o mundo - sua presença singular no mundo, e talvez também como a maneira pela qual algo do mundo se revele e se expresse através de quem aquela pessoa é.** Ou seja, ela diz da reciprocidade inerente entre indivíduo e mundo.

Mas ainda que a reciprocidade seja inerente, sua construção não é esvaziada de intenção, pelo contrário. Dar vida à uma prática pede um ato intencional; significa criar alguma consciência crítica sobre o fazer, manter acordada a capacidade reflexiva por meio da qual nós, seres humanos, participamos intencionalmente da realidade, do mundo à nossa volta.

Ações, por si só, não são necessariamente ou espontaneamente práticas. É necessário elevar ações e atividades à uma relação consciente entre praticante e mundo: uma prática é capaz de e advém de reflexão, crítica e conexão com o contexto em que atua (BIGLIONE, 2017). **É ação-reflexiva-viva-contextualizada.**

Paulo Freire, afirma que "a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática. Por outro lado, se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica" (FREIRE, 2013, p. 73) Ele defendia a ideia de *práxis* como atividade prática conscientemente orientada e processualmente crítica por meio da qual o ser humano cria e conforma a realidade e a si mesmo. Para ele, é inerente à práxis uma

Dar vida à uma prática pede um ato intencional; significa criar alguma consciência crítica sobre o fazer, manter acordada a capacidade reflexiva por meio da qual nós, seres humanos, participamos intencionalmente da realidade, do mundo à nossa volta.

redução da alienação e da desconexão, assim como o exercício de praticar, como consequência, constrói pessoas sempre mais humanas - o que corrobora para a existência de uma sociedade verdadeiramente humana. Importante frisar aqui que uma sociedade verdadeiramente humana, ao contrário do que possa soar, é uma sociedade paradoxalmente oposta à ideia de uma sociedade antropocêntrica. Tal como o filósofo e pedagogo Marcelo da Veiga (1994) descreve sobre a ideia de individualismo ético, presente na obra de Rudolf Steiner, o ser humano que pratica o faz a partir de suas intuições conscientes e está em linha com os impulsos próprios da ordem do universo. A mensagem presente em Freire e Steiner talvez seja a de que nossa verdadeira humanidade nos coloca a serviço da vida do todo, de humanos e não-humanos, a serviço do constante desabrochar e evoluir da natureza e do universo, do qual o ser humano é parte inexorável.

Praticar é, neste sentido, esta atividade singular à humanidade, que nos conecta ao mundo e nos revela como seres éticos, políticos e co-criadores da realidade que nos cerca. **Não podemos esperar de outro ser vivo que seja consequente com seus atos, e não podemos deixar de esperar do ser humano que o seja.**

CRIAÇÃO DE SENTIDO: UMA RESPONSABILIDADE

Nesses tantos anos de trajetória, minha irmã sempre se aprofundou no flamenco. Busca referências, vai conhecendo o trabalho de bailaoras da Espanha, Argentina e outros cantos e encontra neles o que aprender, o que admirar. Não só dança e produz, como frequenta espetáculos, traz gente para dar cursos no Brasil, viaja para estudar sempre que pode. A música, a história e a arte flamenca são parte de sua vida, do que aprecia, admira e respeita; ela respira esse universo com dedicação e amor. Há um interesse genuíno dela sobre isso.

É necessário enxergar pelo avesso e perceber que o mundo em que o fazer é apenas um meio para sobrevivência é um mundo apequenado e reinado pela desigualdade; seus impactos são profundos.

É claro que, em uma sociedade como a nossa, há um aspecto quase idílico na ideia de que há a possibilidade de irmos profissionalmente ao encontro daquilo que nos interessa, que nos faz sentido e, até mesmo, dá prazer. Na mesma medida em que isso pode soar como privilégio de poucos, é justamente a crença de que essa possibilidade não existe (ou não é factível), que mantém as coisas funcionando tal como são, e, inclusive, alimenta o paradigma atual, tão repleto de contradições. Tricia Hersey, teóloga, artista e ativista do movimento negro e do descanso, afirma que: "A cultura do trabalho desenfreado se normalizou, levando nossos corpos à beira da destruição. (...) Somos elogiados e recompensados por ignorar a necessidade de descanso, cuidado e reparo do nosso corpo" (HERSEY, 2022, p. 57, tradução nossa). Da mesma forma, a ausência de sentido no fazer profissional se tornou algo tão comum, tão padrão, que **a busca por sentido, interesse genuíno e prazer no que se faz é um ato de resistência rumo a um outro paradigma de sociedade.**

A vida de uma bailarina de flamenco (no Brasil e na maior parte do mundo) não é exatamente fácil financeiramente, dentre outros tantos desafios. Neste sentido, a escolha de ser bailarina talvez não seja confortável, ainda que, no caso da minha irmã, lhe seja muito prazeroso e coerente com quem é, com suas habilidades e interesses. Há um equilíbrio muito tênue entre escolhermos nossas ações guiadas exclusivamente pelo que nos possibilita uma "boa vida", uma vida financeiramente confortável (ou viável), e a responsabilidade de cada um em construir um fazer verdadeiro e com sentido - para si e para o mundo.

É necessário enxergar pelo avesso e perceber que o mundo em que o fazer é apenas um meio para sobrevivência é um mundo apequenado e reinado pela desigualdade; seus impactos são profundos. Ao não irmos em busca de sentido existencial, mas apenas de sustento e conforto, nos desconectamos não só do nosso interesse e da nossa liberdade, mas também do nosso compromisso para com o outro, para com o mundo.

**Vivemos uma
abstenção da
responsabilidade
pelo que escolhemos
como atuação.**

A compreensão do fazer como uma mera obrigação para se conseguir sustento gera uma relação utilitarista com o fazer, o que, quase que inevitavelmente, justifica e "isenta" também a responsabilidade de prestar atenção, refletir e estar consciente sobre suas consequências, aquilo que gera ao mundo, a realidade que é criada a partir dele. Estamos acostumados a separar o aspecto profissional dos demais e agimos como se as escolhas (profissionais) não fossem propriamente nossas, como se estivéssemos presos a um sistema e sendo apenas vítimas dele. Trabalhos desumanos ou com fins absolutamente prejudiciais ao nosso planeta se tornam justificáveis, aceitáveis.

É claro que há vítimas reais deste sistema e, em certa medida, todos o somos, mas o ponto é como sair dessa engrenagem tanto individual, como coletivamente. Em boa parte das situações, se vive algo semelhante ao que Bárbara Christian, escritora e pesquisadora de estudos afro americanos, nomeia como crime da inocência: o ato de nos isentarmos de um conhecimento ou realidade para não termos de abrir mão dos privilégios que teríamos que deixar para trás se o fizéssemos (CHRISTIAN, 2001, tradução nossa). Vivemos uma abstenção da responsabilidade pelo que escolhemos como atuação.

Esta ideia, de que nos isentarmos é crime, devolve o compromisso que cada indivíduo tem na co-construção da realidade, não apenas superficialmente, mas de modo corajoso e crítico.

Não se resumem apenas a este ponto as grandes questões da humanidade atualmente. Sabe-se que existem desafios de outra ordem para a construção de uma sociedade equitativa e saudável para todos. No entanto, nos parece que negligenciar ou recusar assumir responsabilidade pelas próprias práticas impede que esta construção aconteça. Sem uma prática "é impossível a superação da contradição opressor-oprimido" (FREIRE, 2013 p.38). **Perpetuamos o status quo ao nos exirmos, e damos vida ao mundo que se torna opressor para todos, em proporções desastrosamente desiguais.**

Steiner, por outro - ou talvez pelo mesmo - lado, afirma que "a ação do ser humano, iluminada por sabedoria e aquecida por amor, concretiza o sentido do mundo" (STEINER, 1906, p.205). Ou seja, **quando nos perdemos da construção de sentido, nos perdemos da possibilidade de estar à serviço do mundo**, e a vida parece esvaziada. Nos distanciamos da nossa própria vocação - do latim *vocare*, chamado. Já não ouvimos as necessidades do mundo, nem o chamado único que ele faz a cada um de nós.

O resultado disso, no âmbito individual, é também psicológico: depressão, ansiedade e outras questões de saúde mental. Mas talvez ainda mais grave que adoecer, seja a possibilidade mais comum: a de agir no automático, "tocando a vida", sem realmente estar presente a ela, servindo-a e desfrutando dela com integridade e maravilhamento. No âmbito coletivo, os efeitos são igualmente desastrosos e dispensam maiores detalhes: a crise socioambiental e cultural é evidente.

Michael Meade (2022), filósofo junguiano, acrescenta uma nova camada ao afirmar que a vida não se trata apenas de cuidar de nós mesmos e sobreviver como indivíduo e espécie, mas sim de aprender sobre como estar a serviço da criação contínua do mundo do qual somos parte. **Ir em busca de refletir e questionar nosso fazer com alguma consciência crítica é um caminho de libertação do paradigma atual e de nossas próprias crenças limitantes, e também de resgate, que nos reconecta ao pulsar do mundo.** É o que permite que nossos ofícios sejam celebrações à vida, à existência sagrada de tudo que verve. Que sejam sacro-ofícios, trabalhos sagrados.

Assumir essa responsabilidade, a meu ver uma atitude já não opcional, deve ser igualmente proporcional aos privilégios que usufruímos: **quanto mais privilégios uma pessoa tiver, maior sua responsabilidade em refletir e se engajar nessa construção**, e também em tornar esse caminho possível não apenas para si mesma, mas para as demais à sua volta.

ASPECTOS CONSTITUIDORES DE UMA PRÁTICA

Para além do tecnicismo

Quando uma pessoa reflete-na-ação, torna-se uma pesquisadora no contexto da prática. Ela não depende de categorias de teoria e técnica pré-estabelecidas, mas constrói uma nova teoria em cada caso único. (...) Ela não separa o pensar do fazer, (...) sua experimentação é um tipo de ação, a implementação é construída por entre sua investigação. Assim, a reflexão-na-ação pode prosseguir, mesmo em situações de incerteza ou singularidade, porque não está vinculada às dicotomias da racionalidade técnica. (SCHON, 2016, p. 22, tradução nossa)

Na lógica onde a atuação é uma mera execução de tarefas, qualquer um pode fazer qualquer coisa, desde que tenha competência (SCHON, 2016). Subjacente a essa ideia está a de que os seres humanos são facilmente substituíveis (inclusive por máquinas ou inteligências artificiais). Ao se tratar de uma prática, no entanto, o indivíduo ocupa um lugar central e insubstituível. Ainda que imbuída das mesmas referências, uma prática se diferencia pela essência daquele que a traz para o mundo. Ainda que eu e você trabalhem com a mesma abordagem, nossa prática nunca será a mesma.

Atuar a partir de práticas reconhece a singularidade tanto de cada situação quanto de cada indivíduo.

Atuar a partir de práticas reconhece a singularidade tanto de cada situação quanto de cada indivíduo. Meade, por exemplo, afirma que cada indivíduo tem uma alma que é única. Ele relaciona o fato de que cada qual tem seu afã na vida, com dons específicos para ofertar ao mundo, sem os quais o mundo não poderá atravessar sua crise atual (MEADE, 2022). **Não somos números, recursos ou cargos. Não estamos à serviço da execução de tarefas: uma prática é um encontro (de alma) e não uma relação de subserviência.**

Isso, no entanto, não significa deixar de reconhecer que não há prática sem o que podemos chamar de conhecimento técnico ou competência técnica sobre determinado assunto. Desenvolver uma prática requer estudar, aprender, repetir, beber de diversas fontes, referências ou experiências. Significa colocar nosso interesse em aprender cada fagulha de detalhe que há ali. Haveria flamenco se não houvesse a habilidade de fazer contratempo com os pés? Não. Seria uma bailarina de flamenco alguém que não sabe fazer esse gesto? Não.

Mas o oposto disso também é verdade: tampouco existiria flamenco se a técnica de contratempo se tornasse aprisionante para os pés de quem dança. Se fosse apenas um passo-a-passo a ser repetido por qualquer um e nada mais. Se reconhece uma prática pelo praticante, que quando a incorpora, está a ponto não só de saber e conhecer de seu ofício, mas também de criar, de expressar-se criativamente nele. Técnica e intuição caminham juntas, são parceiras inseparáveis e não se contradizem, ou melhor, quando se contradizem, é porque seu tensionamento faz com que aquela prática possa ir além.

O desenvolvimento de um praticar se estabelece no equilíbrio dinâmico entre a intimidade – um fazer que se torna natural por um lado, e a inquietação e o estranhamento – que não permitem adormecimento, acomodação ou aprisionamento, por outro. Se uma atuação se torna um mero processo mecânico de reprodução, ela se desconecta de sua essência e de quem a pratica: **ela deixa de ser prática. Pode até ser profissão, mas prática não é.**

A ideia de sustentar uma prática está profundamente ligada à vida, ao pulso da criação, ou expressão do que Meade chamaria de "o divino em nós" (MEADE, 2022). Uma arte de sustentar uma dinâmica viva e criativa entre criatura e criador, entre praticante e fazer, entre fazer e mundo.

Prática vida, prática verbo

Na natureza viva nada acontece sem que haja uma relação com o todo, e se a experiência se mostra diante de nós apenas isoladamente, se olhamos para as experiências apenas como fatos isolados, isso não quer dizer que elas estejam isoladas; a questão é como encontrar a relação entre esses fenômenos, entre esses dados. (GOETHE, apud SEPPER, 1988, p. 69, tradução nossa)

Já foi mencionada a intencionalidade necessária ao processo de dar vida à uma prática. Mas talvez ainda não o fato que a prática, em si, é viva, é um organismo vivo. Uma prática existe a partir de sua própria atividade, ou seja, é na atividade de praticar, que ganha vida. É simultaneamente meio - se pratica para alcançar uma prática, e fim - pois gera o praticar em si mesmo. **Talvez a própria palavra prática seja inadequada, por remeter a algo estanque: praticar se faz prática no praticando - no gerúndio. É um substantivo sempre verbo.**

Tal como uma planta ou qualquer outro ser vivo, está sempre em vir-a-ser e em relação com o todo. No reino das práticas navegamos este paradigma, o que pressupõe reconhecer a complexidade das leis presentes naquilo que é vivo. Assim como não se pode pegar emprestado a perna de alguém para dançar, não se pode repartir uma prática em partes como se fossem pedaços desconectados uns dos outros.

Ainda que se possa diferenciar e perceber as distintas atividades que constituem sua prática, poderia um bailarino precisar se foi o aquecimento antes do espetáculo, os cinco minutos de descanso antes da apresentação, o acúmulo dos anos de sua experiência, o seu encontro com a energia da plateia... que contribuiu para aquela dança acontecer daquela exata maneira naquele momento? Não será justamente o que acontece entre estes aspectos todos, na relação entre eles, e não algo isolado, que culmina naquela realidade? A dimensão constituidora de uma prática não pode ser tocada apenas a partir da listagem de suas atividades, ainda que uma boa listagem possa revelar vários aspectos de uma prática.

Uma prática é um todo coerente, que se constitui por tudo o que é necessário para gerar essa coerência. Ou seja, numa prática tudo que a constitui é imensamente relevante, mas, diferente de uma tarefa ou ação mecânica, que pode ser olhada isoladamente, nenhuma das suas partes isoladamente daria vida a essa prática. No flamenco, há o passo, o compasso, a coreografia, a presença... mas para que se possa compor uma imagem é preciso perceber o tom, a inter-relação, o todo: é preciso dar visibilidade ao que não está aparente, mas que está presente no sutil, na forma artística como as atividades são desenvolvidas e se relacionam, qualitativa e misteriosamente. Ela ganha vida a partir da relação que se estabelece entre todas suas partes, ainda que a reconheçamos como algo íntegro em si mesma - ou então nem sequer seríamos capazes de nomeá-la.

Aqui se denota outra aparente contradição: ela permanece na impermanência... se está diante de uma nova prática a cada instante. O senso comum parece associar a continuidade de algo à sua manutenção, à sua estaticidade: se se mantém é porque é o mesmo; mas - a partir da concepção de prática que se discute aqui - é possível afirmar que o que estanca morre. **Só se mantém vivo aquilo que se modifica; é no modificar-se que se perpetua. Há uma manutenção e uma modificação contínuas e simultâneas, um continuar e um renovar inter permeados.**

Uma prática, portanto, não tem uma forma final, objetificada como ideal, não é algo que, uma vez conquistado, pousa na estante do fazer como um troféu. **Ainda que sempre inteira, íntegra, ela nunca está acabada** (como nós nunca estamos acabados). Ela não pára no tempo e nem pode ser congelada como uma receita de bolo ou uma tecnologia social. Não é um instrumento ou algo que se consiga aplicar ou replicar pois não é algo mecânico ou estático, mas sim algo vivo e dinâmico, que precisa ser nutrido e cuidado para que possa emergir, ganhar vida.

Uma prática cheira a frescor e convida o praticante a expressar o novo de si mesmo e daquela realidade. Chegar à uma forma definitiva de fazer, à uma fórmula, seria estancar o fluxo, morrer. Prática está em constante movimento, evoluindo e involuindo, se renovando e mudando de forma continuamente.

Evocação responsiva

Não descobrimos uma realidade objetiva nem inventamos uma realidade subjetiva, mas há um processo de evocação responsiva. O mundo evocando algo em mim que, por sua vez, evoca algo no mundo. (MCGILCHRIST, 2019, p. 45, tradução nossa).

A compreensão de prática descrita aqui carrega em sua essência o entendimento de que nós, seres humanos, não estamos apenas assistindo passivamente a construção da realidade, mas temos a capacidade de pensar, de aprender e de escolher conscientemente: **co-construímos a realidade da qual somos parte.** Pensamos e sabemos que pensamos: somos *homo sapiens sapiens*.

Minha irmã, ao praticar flamenco, transforma o Flamenco como um todo. Ao manter sua prática viva mantém o flamenco vivo e, ao mesmo tempo, amplia o flamenco quando o faz se transformar ao existir na individualidade de seu praticar. Se o flamenco dela for crítico e criativo, essas qualidades permearão o Flamenco como um todo, engrandecendo-o. Se for medíocre e cansativo, o fará também assim. Esta relação é tanto espontânea e incontrollável, quanto intencional e de responsabilidade do praticante, que sabe que pratica.

Mas há ainda algo mais. Não é apenas que, com nossa prática, formamos o mundo ou que nossa prática seja formada pela singularidade de quem somos, a via é de mão-dupla: nossa prática nos conforma. **Um praticante é, simultaneamente, seu criador e sua criatura.** Quanto mais praticarmos algo, mais isso nos permeia e se torna mais presente em quem somos. **Numa relação contínua de reciprocidade, o praticar de algo vai desenvolvendo habilidades em nós que têm a ver com essa própria prática.** Quem conhece minha irmã pode reconhecer o flamenco nela também: seus gestos, sua estrutura física, sua forma de falar, de se vestir...

Talvez em se tratando de Flamenco isso não seja algo tão preocupante, mas a consciência dessa reciprocidade e da nossa própria moldabilidade é fundamental, tanto em termos humanos quanto sociais, pois uma vez dentro de uma realidade, ela tende a nos cooptar. Deixar de prestar atenção nas escolhas das atuações (profissionais, em grande parte dos casos), faz com que as características e qualidades que elas desenvolvem nos indivíduos passem despercebidas. Aquele cuja prática (ou talvez nem exatamente prática, mas função) é meramente burocrática tende a atrofiar seus pensamentos e corpo, tende a reduzir sua própria capacidade cognitiva, presença e humanidade. E se pensarmos em larga escala, talvez assim seja a maior parte dos ofícios (ou não-ofícios) da atualidade.

PRÁTICA-POSTURA: CONSCIÊNCIA COMO ATIVISMO

A história não é simplesmente que a natureza precisa da humanidade para sobreviver, mas também que a humanidade deve redescobrir sua própria natureza e sua conexão com o mistério da vida, a fim de se transformar. (...) Se quisermos encontrar nossa reconexão com a capacidade de transformar, devemos morrer, em certo sentido, para as compreensões limitadas da vida que agora prevalecem, a fim de encontrar um terreno mais profundo de imaginação a partir do qual crescer uma cultura humana mais genuína.
(MEADE, 2022, tradução nossa)

Precisamos procurar este vestígio da natureza em nós e então encontraremos de novo o nexa entre o eu e o mundo".
(STEINER, 2000, p.10)

Revolucionário é todo aquele que quer mudar o mundo e tem a coragem de começar por si mesmo. (VAZ, 2011, p. 57)

Talvez a compreensão que estamos em busca de construir seja a de que **a escolha por desenvolver uma prática constrói humanidade e que somente será de fato humanidade se servir a algo maior que o humano**. O individualismo ético apresentado por Steiner vê como moral o que surge de um ser humano quando este desenvolve a vontade moral como parte de sua humanidade plena, de modo que fazer o imoral lhe parece uma mutilação, uma deformação de seu ser. Neste sentido, **compreender o que fazemos como prática é um ativismo político-moral** rumo à essa direção.

Se buscamos uma visão de mundo que aprofunde criticamente a relação de cada indivíduo com seu fazer e com as relações que se estabelecem a partir dele, precisamos escolher, intencionalmente e constantemente, a busca pela consciência como prática.

Desenvolver uma postura de atenção, cuidado, questionamento e reverência com o que fazemos é essencial para que não nos acomodemos na poltrona confortável de uma não-práxis, de uma atuação desumanizadora e automatizada, que se prende em ferramentais e adormece frente à realidade que endereça e à seu próprio sentido de existência. **Uma prática pede cuidado, observação e reflexão contínuos para que exista plenamente, para que se mantenha ativa, para que se mantenha prática** (KAPLAN e DAVIDOFF, 2014).

O convite posto parece ser o de **sustentar a intencionalidade da observação reflexiva, que gera uma consciência crescente e nos coloca como constantes aprendizes do próprio praticar**. Isto pressupõe a humildade de reconhecer que uma prática – seja ela qual for – corre constantemente o risco de se enrijecer, perder vida ou ainda de carregar pressupostos éticos indesejados, que minimizam a grandiosidade da vida, em todas suas expressões.

Quando mantemos uma atitude observadora e reflexiva frente ao nosso próprio atuar, buscamos nos tornar capazes de perceber quando nossa prática está deixando de ser prática para se tornar uma mera reprodução ou fazer qualquer, e podemos trazer consciência para padrões indesejados (de comportamento, de dinâmicas) que costumam estar escondidos, bem como tecer uma compreensão mais aprofundada do sentido e unidade subjacente a este fazer – seja qual ele for. "A prática do ativismo é a atentividade à prática" (informação verbal).

**Se buscamos uma
visão de mundo que
aprofunde
criticamente a
relação de cada
indivíduo com seu
fazer e com as
relações que se
estabelecem a partir
dele, precisamos
escolher,
intencionalmente e
constantemente, a
busca pela
consciência como
prática.**

Mas ainda que como ideia isto possa parecer simples, sua realização não é. **Na busca de uma consciência crítica e contínua, é preciso ganhar coragem para, em primeira instância, observar - de forma rigorosa - o que fazemos.** E então nomear o que se revela, mesmo que nem sempre agradável (aliás, no mundo atual, costumeiramente desagradável ou em desacordo com nosso desejo ou autoimagem). É preciso reconhecer que, muitas vezes, tomar consciência nos coloca frente a frente com nosso processo de desenvolvimento; nos convida a mudar, a sair do confortável (BIGLIONE, 2019). É preciso um esforço intencional e significativo de abrir espaço e tempo para a reflexão, de onde uma ampliação de consciência pode emergir. Refletir-na-ação. Tornar a ação-reflexiva.

É preciso um esforço intencional e significativo de abrir espaço e tempo para a reflexão, de onde uma ampliação de consciência pode emergir. Refletir-na-ação. Tornar a ação-reflexiva.

Para além destas considerações, que foram amparadas neste artigo até o momento, emergem questionamentos como o fato de que, na sociedade contemporânea, quase todas estas atitudes são contrárias a um *modus operandi* que parece ser o vigente na atualidade - de aceleração, separação, materialismo e egocentrismo - o que torna a tarefa uma escolha ainda mais árdua (ROSA, 2019). **A atenção à prática anda desatenta e desalentada.**

Além disso, parece ser possível inferir que ir ativamente em busca de que nosso praticar nos conforme na direção mais plena do que podemos ser, reinventando nossa própria cultura existencial humana, exige um tipo de reflexão que não é utilitarista, ou seja, que não deseja apenas julgar se nossa

ação foi correta ou não, tirando lições para melhorar no futuro, mas que permite abrir espaço para uma compreensão mais aprofundada. Este tipo de reflexão permite adentrar aos fenômenos com os quais estamos envolvidos a partir de si próprios, e por sua vez, possibilita novos movimentos conectados ao seu vir-a-ser.

Cultivar uma prática é um tipo de atitude que reconhece o que se faz como evocação sagrada e a conexão intrínseca entre a humanidade e o cosmos; e suas leis. **Nosso fazer dá vida ao mundo, e torná-lo livre é caminhar rumo à expressão de sua plenitude e da plenitude de todos que o integram.**



REFERÊNCIAS

BIGLIONE, Ana. **A sutileza da prática: a arte de criar um mundo com sentido.** Artigo. Master of Arts in Reflective Social Practice: Alanus University, 2017.

BIGLIONE, Ana. **Estamos, de fato, dispostos a mudar?** São Paulo: Noetá, 2019.

CHRISTIAN, Barbara. **The crime of innocence.** In D. Batsteone & E. Mendieta (Eds.), *The good citizen.* New York: Routledge, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HERSEY, Tricia. **Rest Is Resistance: A Manifesto.** New York: Little Brown Spark, 2022.

KAPLAN, Allan; DAVIDOFF, Sue. **O Ativismo Delicado.** Capetown: Proteus Initiative, 2014.

PRIMA, Diane di. **Revolutionary Letters.** San Francisco: Last Gasp of San Francisco, 2007.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade.** Tradução: Rafael Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VEIGA, Marcelo da. **A Obra de Rudolf Steiner.** São Paulo: Ed. Antroposófica, 1994.

STEINER, Rudolf. GA 40. **Caderno de pensamentos de L. Kleeberg,** em 8/1906. Trad. VWS; rev. SALS.

STEINER, Rudolf. **A Filosofia da Liberdade:** Fundamentos para uma filosofia moderna. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2000.

MCGILCHRIST, Iain. **The Master and His Emissary: The Divided Brain and the Making of the Western.** Yale: Yale University Press, 2019.

MEADE, Michael. Episode 240: **The Mystery of Change.** Living Myth. [Voice by]: Michael Meade. 11 aug. 2021. Podcast. Disponível em: <https://livingmyth.libsyn.com/episode-240-the-mystery-of-change>. Acesso em: 1 jun. 2022.

SCHON, Donald. **The Reflective practitioner: How professionals think in action.** New York: Routledge, 2016.

SEPPER, Dennis L. **Goethe contra Newton (polemics and the project for a new science of colour).** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia.** São Paulo: Global, 2011.